



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: ST6 Sociologia do Desporto

PARA UMA SOCIOLOGIA DA CONDIÇÃO ADEPTA (DE FUTEBOL) EM PORTUGAL

NUNES, João Sedas

Doutorado em Sociologia da Cultura

Cesnova e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

CHAVES, Miguel

Doutorado em Sociologia da Cultura

Cesnova e Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

Resumo

Na comunicação ora proposta visar-se-á revisitar criticamente um dispositivo de pesquisa da condição adepta – o índice de intensidade da afinidade clubista – e a forma teórica que o baliza, não prescindindo de aprofundar o princípio de construção de objecto sociológico que esteve na sua origem: o de que a restituição das realidades sociais não deve rasurar a pluralidade que as constitui. A comunicação abrir-se-á pois a dois momentos diferenciados mas sequenciais: 1) um primeiro de natureza analítica, em que se informará e discutirá as propriedades lógicas e empíricas do artefacto teórico-metodológico aplicado na pesquisa citada; 2) um segundo de natureza conjectural, em que, entroncando nos desenvolvimentos recentes que a sociologia à escala individual conheceu e nas novas possibilidades de objectivação que rompem da sociologia pragmática, se equacionará um conjunto de hipóteses que desafiam a pesquisa no domínio da sociologia da condição adepta. Na verdade, estará em causa dar conta das diferenças e clivagens que atravessam essa condição “dentro” de cada sujeito vinculado e nos “investimentos de forma” para que é compelido.

Abstract

This paper gets going from a critical review of a research tool specially designed to enhance sociological knowledge on football club followers’ – a measure of their allegiance intensity. Grounding on the broad idea that all social realities are inherently complex, plural and diverse, it comprehends two different although sequential steps: 1) a first one of analytical quality, calibrated as an informed discussion of the logical and empirical properties of that measure; 2) a second one of hypothetical nature, through which, bearing on recent developments of sociology at an individual scale and of pragmatic sociology, one is pushed forward to assemble a whole new set of hypothesis to make sense of football club followers’ condition and social relations. Indeed, these social relations should be highlighted as reversible, meaning that, driven by circumstance and capacities, is quite normal for one to flow from one action regime to another without being caught in the web of paradox.

Palavras-chave: futebol, adeptos, pluralidade, sociologia pragmática
Keywords: football, followers, plurality, pragmatic sociology

1. Introdução

Num texto recente (2011) intitulado “Le douzième homme”, Christian Bromberger demora-se na identificação e análise de adeptos de perfis variados: os “ultras” e os “oficiais” (respeitáveis, comedidos, avessos à violência). Este exercício ao mesmo tempo encontra e desencontra um dos pressupostos que, em trabalho com alguns anos (Nunes, 2007), nos levou até à condição adepta (de futebol) em Portugal. Se, *com* Bromberger, a considerámos enquanto espaço plural, nos tipos, perfis, práticas, normatividades, quadros de interacção e representações que compreende, *contra* este autor, rechaçámos (ao menos parcialmente) a cedência normativa que consiste em fechá-la em torno dos “verdadeiros adeptos”, sejam ultras ou oficiais ou doutro género qualquer, apreendendo-a através dum indicador de intensidade da afinidade clubista e da tipologia de vinculação clubista que esse indicador permitiu construir.

Na comunicação ora proposta visar-se-á revisitar criticamente este dispositivo e a forma teórica que o baliza, não prescindindo de aprofundar o princípio de construção de objecto sociológico que esteve na sua origem: o de que a restituição das realidades sociais não deve rasurar a pluralidade que as constitui. A comunicação abrir-se-á pois a dois momentos diferenciados mas sequenciais: 1) um primeiro de natureza analítica, em que se informará e discutirá as propriedades lógicas e empíricas do artefacto teórico-metodológico aplicado na pesquisa citada; 2) um segundo de natureza conjectural, em que, entroncando nos desenvolvimentos recentes que a sociologia à escala individual conheceu e nas novas possibilidades de objectivação que rompem da sociologia pragmática, se equacionará um conjunto de hipóteses que desafiam a pesquisa no domínio da sociologia da condição adepta. Na verdade, estará em causa (diga-se: mais complementarmente do que alternativamente) dar conta das diferenças e clivagens que atravessam essa condição “dentro” de cada sujeito vinculado e nos “investimentos de forma” para que é compelido.

Trata-se, noutros termos, de trazer para o centro da objectivação sociológica da “condição adepta” nada mais nada menos do que o segmento da sociologia contemporânea mais promissora que até agora dela se manteve alheada. Com isso vincando, finalmente, uma posição de amplo alcance: todos os objectos sociológicos, seja qual for o domínio empírico que os abranja, têm necessariamente de se submeter à teoria sociológica geral e aos respectivos progressos.

2. na génese de um instrumento de pesquisa: o que (não) sabemos sobre a condição adepta (de futebol) em Portugal

Apesar da sua hiper-visibilidade, em bom rigor sabemos relativamente pouco sobre as formas sociais que a experiência adepta reveste em Portugal. Dever-se-á isso, em geral, ao futebol só recentemente se ter desembaraçado do estatuto de (glosando uma conhecida expressão) *pauvre objet* na ciência social portuguesa (Nunes, 2012) e, em particular, à problematização dessa experiência se ter por regra circunscrito às claques de futebol. É verdade que a objectivação destas se fez de acordo com perspectivas teóricas assaz diversas nos seus fundamentos e nas análises que deles irradiam. À abordagem ancorada na sociologia figuracional de Norbert Elias, ou mais propriamente na respectiva interpretação desenvolvida/prolongada pela chamada escola de Leicester (de que é principal mentor o discípulo de Elias, Eric Dunning), que permeia os trabalhos de Salomé Marivoet (1992, 2002, 2009), contrapõe-se uma outra fundada em larga escala na perspectiva dramática de Erving Goffman, em Portugal carregada nas pesquisas de Daniel Seabra (1999, 2009). Mas isso não invalida o essencial: sendo a claque somente um dos vincos – por sinal estatisticamente quase irrelevante e etariamente situado – da condição adepta, sejam quais forem as modalidades teóricas e metodológicas que o trabalho científico concretize, se este, no que concerne o estudo daquela condição, se cingir às claques privar-se-á de conhecer parte significativa das diferenças e clivagens que a compõem. Por outras palavras: rasurar-se-á a heterogeneidade/pluralidade que a caracterizará, sujeitando pois a respectiva restituição científica a acentuada distorção.

Parcialmente foi para contrariar esse efeito de sequestro da condição adepta por uma certa gama de práticas associada a uma experiência específica que, em tempos (Nunes, 2007), nos propusemos sondar aquela condição sem seleccionar a priori segmentos ou fileiras específicos. Interessou-nos assim começar a conhecê-la (a expressão é deliberada) sem excluir mas também sem deixar de seccionar, isto é, sem deixar de

a reconstruir como espaço de diferenças e distâncias sociais, separando e qualificando a natureza das relações até aí subsumidas na noção de adepto.

3. A intensidade da afinidade clubista

Foi este duplo desiderato que nos levou a afinar o conhecimento da condição mediante o recurso a um indicador complexo que, caracterizando a simpatia em termos de intensidade, por seu turno, permitisse repartir a simpatia clubista em termos de estratos de afinidade. Podemos dizer que no fundamental pretende-se caracterizar a intensidade com que os diversos sectores populacionais se combinam com os clubes de futebol. Trata-se em suma de determinar, para cada indivíduo, o grau de ligação ou de vínculo ao clube da sua eleição (e, no limite, nos casos em que nenhum clube é eleito, uma medida da repulsa por futebol) e de identificar as condições e factores sociais que mais clivam a intensidade desse vínculo. Este procedimento assenta na ideia – fundamento conceptual – de que a distribuição dos indivíduos pelos diferentes níveis ou graus de intensidade da afinidade clubista é condição chave para a compreensão da distribuição das simpatias expressas pelos clubes e para o recorte de perfis de simpatia.

A haver tendências que conformam ou modelam a relação de adeptos e simpatizantes com clubes de futebol, a sua mediação em termos de intensidade da afinidade clubista compreenderá um conjunto heteróclito de marcas ou de ocorrências. Estas, uma vez interligadas, permitem distinguir e aferir um conjunto de combinações daquela relação, bem como o grau da afinidade que um determinado adepto ou simpatizante mantém com o seu clube (ou, a contrário, com nenhum clube).

Essas marcas ou ocorrências, importa sublinhar, respondem a dois princípios nucleares: constituem indicadores de a) recursos/competências; ou de b) disposição amante/ágape (nos termos da própria codificação clubista, ou seja, da definição socialmente dominante do amor clubista).

No quadro 1 identificam-se justamente as marcas ou os segmentos de observáveis – vulgo, indicadores – utilizados na construção da medida de intensidade da afinidade clubista que se aplicou em 2007.

Indicadores na forma sintética	OBJECTO	PONTOS	PERGUNTA
Indicação de clube preferido	Ágape	5 pontos	P.1
Não indicação	Ágape	0 pontos;	P.1
Indicação de clube pelo qual nutre leve simpatia	Ágape	1 ponto	P.1b)
Não indicação	Ágape	0 pontos;	P.1b)
Gosta de futebol	Ágape	5 pontos	P.2
Gosta «assim assim» de futebol	Ágape	2 pontos	P.2
«Não» gosta de futebol	Ágape	0 pontos	P.2
«É indiferente»	Ágape	0 pontos	P.2
Vê o clube preferido jogar «todas as semanas»	Ágape	10 pontos	P.3
Vê o clube preferido jogar «de quinze em quinze dias»	Ágape	6 pontos	P.3
Vê o clube preferido jogar «mais ou menos uma vez por mês»	Ágape	3 pontos	P.3
Vê o clube preferido jogar «ocasionalmente»	Ágape	1 ponto	P.3
Vê o clube preferido jogar «raramente/nunca»	Ágape	0 pontos.	P.3
O clube é «bastante importante na vida»	Ágape	10 pontos	P.4
Trata-se de «uma simples simpatia»	Ágape	0 pontos	P.4
Quando o clube perde fica a «remoer no assunto»	Ágape	10 pontos	P.5.2
Quando o clube perde «esquece rapidamente»	Ágape	0 pontos	P.5.2
«Teria grande desgosto» se o clube deixasse de existir	Ágape	10 pontos	P.5.4.
«Não afectaria muito» se o clube deixasse de existir	Ágape	0 pontos	P.5.4.
Adversário e resultado do último jogo referidos correctamente	Recursos/competências	5 pontos	P.6.2.
Adversário/resultado do último jogo referidos incorrectamente	Recursos/competências	0 pontos	P.6.2.
Referência a 3 ou mais jornais ou revistas desportivos	Recursos/competências	8 pontos	P.7
Referência a 1 ou 2 jornais ou revistas desportivos	Recursos/competências	5 pontos	P.7
Nenhum jornal ou revista referido	Recursos/competências	0 pontos	P.7

Do somatório dos pontos relativos às respostas dada pelos inquiridos decorre uma posição na escala:

1. Afinidade «visceral» – 50 a 63 pontos; grupo de «adeptos» (adeptos genuínos)
2. Afinidade intensa – 36 a 49 pontos; grupo de «adeptos» (adeptos genuínos)
3. Afinidade mediana – 23 a 35 pontos; grupo de «simpatizantes» (simpatizantes atentos)
4. Afinidade ligeira – 13 a 22 pontos; grupo de «simpatizantes» (simpatizantes retraídos)
5. Afinidade ténue – 5 a 12 pontos; grupo de «simpatizantes» (simpatizantes displicentes)
6. Afinidade marginal – 1 a 4 pontos; grupo de «simpatizantes» (simpatizantes alheados)
7. Afinidade nula – 0 pontos.

Quadro 1 – Indicador Complexo de Intensidade da Afinidade Clubista

Como seria de esperar, este dispositivo montado para escalonar as simpatias de acordo com a intensidade da afinidade clubista, permite desde logo verificar que a identificação clubista condensa em si situações muito díspares quanto ao significado dessa ligação ao clube preferido. A par de identificações que querem dizer forte vínculo e implicação, coexistem outras cujas principais características são, ao contrário, o retraimento, a displicência e o alheamento (gráfico1).

Ora, por seu turno, a medida construída permite apurar que a afinidade clubista é fortemente determinada pelo género, verificando-se nos graus de intensidade mais elevados maiores proporções de homens e nos graus mais reduzidos maiores proporções de mulheres (gráfico nº 2). O contraste é tão vincado que enquanto metade dos inquiridos homens (49,3%) converge para os dois níveis de intensidade mais elevados (afinidade «visceral» e intensa), quase 3/5 (58,7%) dos inquiridos do sexo feminino não atinge sequer o patamar estruturante da intensidade mediana. Adiantar-se-á que o género sexual é a condição (factor) social que mais pronunciadamente cliva em termos da dicotomia *solidez-fragilidade* a identificação clubista.

n=989 (em percentagens)

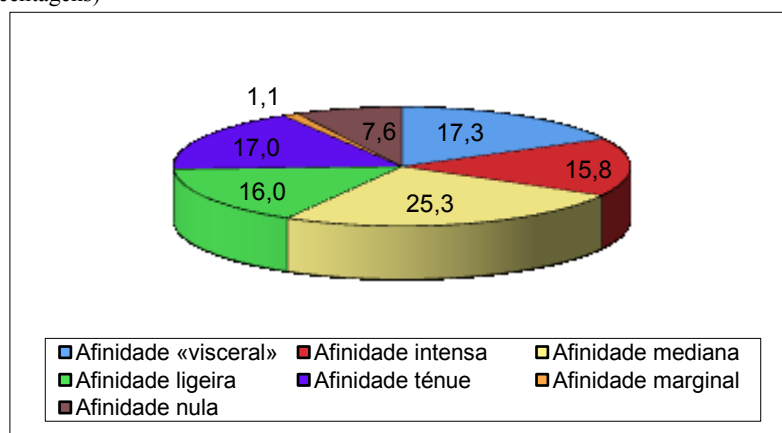


Gráfico 1 – Intensidade da afinidade clubista

n=989 (em percentagens)

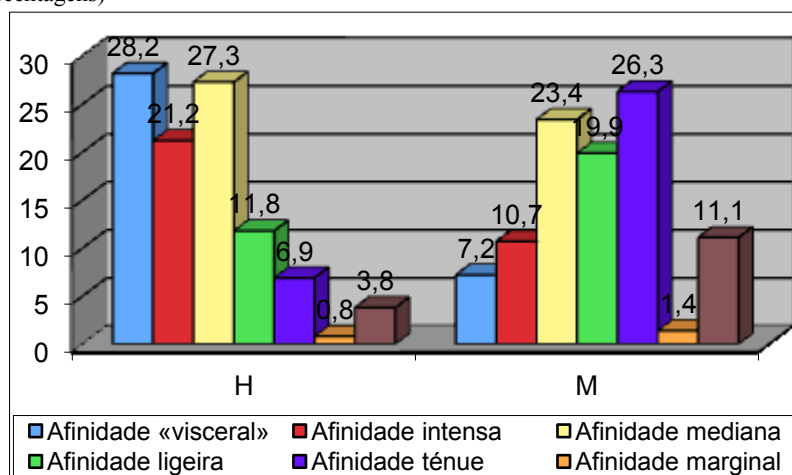


Gráfico nº 2 – Intensidade da afinidade clubista, segundo o género

4. Limites de um instrumento/estudo, novos horizontes de pesquisa – na senda da heterogeneidade

Para os fins desta comunicação, não obstante pudéssemos prosseguir parágrafos a fio a exemplificação das virtualidades do índice, o “caso” singular do género basta para emparelhar essa ilustração – a relação pouco clivada pelo género com a simpatia clubista cede em toda a linha quando se combina o inventário das cores clubistas com a natureza (mais ou menos intensa) das relações subjectivas que nelas cursam – com a

aclaração das suas limitações. Em formulações deliberadamente simples perguntar-se-á: que lógica masculina se reproduz produzindo a regularidade de que acabamos de dar evidente conta? Por que o futebol comparativamente atrai os homens e repele as mulheres? Falta no fundo densificar em termos de relações sociais de sentido o dado coligido, migrando-o do território da evidência final para o da (nova) incógnita que é absolutamente indispensável enfrentar e resolver.

Singela e conjecturalmente dissolveremos essa incógnita. É bem possível que essa prevalência masculina esteja relacionada com o facto de o futebol proporcionar à forma de sociabilidade masculina competitiva filigranada nas *joking relationships* de que já falava Marcel Mauss um terreno especialmente fértil. Acerca do caso brasileiro, Gestaldo vai mesmo ao ponto de afirmar (2005): “A interação pautada pela mediação de um evento esportivo se presta de modo notável para essa forma de sociabilidade competitiva (masculina) – que poderia ser denominada “relação jocosa futebolística”, de que a “flauta”, “gozeira” ou “sacanagem” interminável de parte a parte entre gremistas e colorados, cruzeirenses e atleticanos, flamenguistas, pós-de-arroz e vascaínos é um bom exemplo. Muito frequentemente a relação jocosa toma uma forma teatral e performática, para evidenciar pública e humoradamente o alinhamento dos participantes à situação. (...) Em termos interacionais, a sociabilidade masculina brasileira tem natematização do esporte um porto seguro. Basta perguntar a um homem qualquer qual o seu time para começar uma conversa que pode se alongar indefinidamente, sem que em qualquer momento se corra o risco de uma indiscrição ou constrangimento, uma vez que – por passionais que sejam os torcedores – nada que afete o *self* está em questão.”

Em suma, num jogo de palavras reconhecidamente sociológicas, dir-se-ia que a intensidade da afinidade é com certeza significativa mas não a compreenderemos enquanto não penetrarmos na teia de processos sociais simbólicos que a produzem.

Uma das maneiras de estreitar o hiato entre o dado e a descoberta da sua propriedade sociológica (em toda a sua extensão) é construir tipologias (ou taxinomias) em que as figuras típicas da condição adepta sejam elas mesmas construções analíticas complexas e multidimensionais, resultado da restituição científica de processos sócio-históricos específicos. É neste modelo lógico que se inscreve a proposta de Bromberger (2011) e ainda mais claramente a de Giulianotti (2002) quando se empenha em “examinar o impacto do processo de hipermercadorização do futebol na identificação dos espectadores com clubes de futebol profissional”. Numa opção como a que Giulianotti desenvolveu, as categorias da identidade espectadora podem inclusive polarizar atributos que harmonizem princípios de diferenciação ordinal com princípios de diferenciação nominal. O *supporter* distingue-se do *flâneur* (categorias limítrofes para Giulianotti) pela intensidade da sua implicação clubista mas também por propender a uma relação crispada com o clube, em contraste com a relação distendida (ou descontraída) que pauta o *flâneur*, ou ainda por possuir uma identidade (localmente) ancorada, uma vez mais ao invés do *flâneur*, caracterizado por identidade cosmopolita.

Mas as análises tipológicas como as que Giulianotti empreende deixam-nos ainda insatisfeitos. Se estará definitivamente afastado o risco de “relegar a figura do torcedor grosso modo (...) à condição de tabula rasa, a uma derivação patológica das emoções oferecidas pela matriz aristotélica da catarse teatral” (Hollanda, 2010, p. 90), em contrapartida está-se em vias de abraçar uma concepção de actor social uno e contínuo no espaço social e nos tempos que o atravessam, o que – temos já disso hoje fortes indícios – cercará marcadamente a possibilidade de plena restituição da condição adepta em Portugal.

A dupla hipótese para que queremos abrir tem em comum a ideia de heterogeneidade. Numa perspectiva, consideramos, sulcando a sociologia disposicional e Bernard Lahire (1998), que os indivíduos (sujeitos sociais) são constituídos por patrimónios plurais (e não raro dificilmente compatíveis) de disposições; na outra óptica, entendemos que na condição adepta não repercute uma prática específica, uma lógica autónoma, mas antes diferentes *gramáticas da acção* e *economias de engrandecimento* (Thévenot, 2006, Boltanski e Thévenot, 1991, Nachi, 2009 [2006]) que podem, consoante os contextos, ser protagonizadas pelos mesmos indivíduos/pessoas/adeptos.

Chega até a ser desconcertante que a sociologia pragmática, com a sua sensibilidade à multiplicação dos princípios de justiça que permeiam os modos de equivalência, qualificação, ajustamento e justificação

através dos quais os actores produzem acordos e coordenam as suas acções comuns, ou seja à forma como criam conjuntamente ordens de justiça e lhes repontam para precisamente denunciar a injustiça (Boltanski e Thévenot, 1991), experimente tantas dificuldades para penetrar a sociologia do futebol português quando a esfera empírica a que respeita é tão pródiga em críticas e controvérsias públicas; certamente não se argumentará que a dimensão normativa da acção é objecto de ocultação permanente.

5. O elo moral – amor e (in)justiça na condição adepta

Não se pense porém que o elo moral de que as *cités* e os *mundos* constituíram a principais componentes originais na sociologia pragmática é um elo perdido, ou que tivesse sido por nós achado (recuperado) nos últimos tempos. Desde os trabalhos pioneiros do etnólogo Christian Bromberger que sabemos bem que – como qualquer outro – o jogo social que articula futebol, clubes e identidades envolve e densifica valores e sanções (morais) e não apenas formas de conhecimento. A este propósito, Bromberger (2001 [1995], 1998), em primeiro lugar, nota, na sua etnografia dos *topoi* paróxicos ao mesmo tempo signos consumíveis da paixão clubista – os estádios de futebol, que à regionalização (social) das bancadas corresponde um jogo de identidades contrastantes que, por seu turno, funda uma concorrência para impor as formas legítimas de apoiar o clube e encorajar os jogadores. Esta competição pode até reverter em práticas colectivas de desafio dos outros adeptos (do mesmo clube), fustigando-os com dizeres que penalizam (diminuem) o seu valor como adeptos; como também na eleição divergente dos jogadores mais queridos, escolha que assim prolonga ou objectiva numa nova dimensão precisamente esse jogo complexo de identidades simultaneamente desportivas e sociais.

Em segundo lugar, Bromberger, mostra que uma equipa pode funcionar como metáfora expressiva para a identidade colectiva que se pretende conferir à cidade em que radica e de que se constitui como porta-estandarte. Isso vê-se melhor quando toca a recrutar jogadores. Esse recrutamento não se faz só segundo as leis da eficácia competitiva (do mercado futebolístico em sentido estrito), mas de acordo com um imaginário de capacidades e proezas colectivas que neles – jogadores recrutados ou recrutáveis – se projecta. No caso do Marselha – uns dos estudados por Bromberger – as aquisições procediam de uma mescla de qualidades que obrigatoriamente aliavam o virtuosismo e o espírito atacante a virilidade e agressividade. Assim, em sucessivas gerações, de jogadores e adeptos, reproduz-se um ideal auto-endossado, através do qual os adeptos se reconhecem duplamente como adeptos do OM e marselheses.

Em terceiro lugar, coroando o elo moral, Bromberger, na esteira de Alain Ehrenberg (1991), desenvolve a propósito do recontro futebolístico uma espécie de antropologia da justa concorrência. Bromberger vai explorar a interpretação proposta por Ehrenberg de que o desporto é um dispositivo simbólico que permite amaciar a tensão nas sociedades democráticas entre a igualdade e a hierarquia, entre igualdade de princípio e desigualdade de facto. Ehrenberg alega que, no desporto (logo: no futebol), a justiça é apresentada como o simples produto da concorrência, funcionando por seu lado como um eficaz écran ideológico para o mito de que uma sociedade mais competitiva seria também ela igualmente mais justa. Bromberger, explora esta ideia, todavia re-temperando-a através das ideias de aleatório e erro enquanto componentes do próprio jogo, que baralham o sentido da prova desportiva e das suas inferências políticas. Para Bromberger, “o encontro de futebol incarna uma visão do mundo simultaneamente coerente e contraditória. Ele exalta uma prova justa visando a consagração dos melhores através da competição, mas também realça o papel da sorte e do imprevisto para atingir o êxito. Daí um paradoxo: a competição desportiva pode em simultâneo promover ou sancionar resultados indiscutíveis e abrir para um espaço de intermináveis (re-)interpretações (e contra-interpretações) a partir do modo como tais resultados foram alcançados.” (Duret, 2001, 45)

Não será alheio a esse paradoxo, não só a hipótese da pluralidade dos regimes de acção – em particular de regimes de justiça – mas os processos – centrais para a condição adepta – de dupla basculação entre amor e justiça (entre o regime de ágape, imune às justificações, e os regimes de justiça, que as contrários as demandam) que entreterão/engajarão muitos adeptos, em graus e com matizes diversos, nas situações concretas do quotidiano onde a condição adepta se materializa através de modalidades pragmáticas de realização. Os sujeitos sociais são, com efeito, perfeitamente capazes de mobilizar o regime de acção ajustado às situações concretas em que se encontram engajados, mobilizando-o em operações deajuizamento

e em modos de qualificação dos seres e dos objectos que povoam imediatamente o seu horizonte de acção. Como já tivemos oportunidade de ressaltar (Nunes, 2011), estranhar-se-á menos então “a translação sofisticada de economias de engrandecimento baseadas nas cités mercantil e industrial, donde emanam os princípios superiores comuns da instituição futebolística no seu estado actual, para regimes de acção fundados nas cités cívica e inspirada, em que as relações de grandeza ancoram valores que não a posse (conquista de títulos) ou a competência (capacidade demonstrada de os conquistar): a singularidade, o génio, a representação que encontra como modelo de prova uma causa justa, que se defenderá acerrimamente”.

A sociologia pragmática estará, em conclusão, especialmente bem munida para restituir as relações sociais retidas na condição adequada sem a tentação de as reduzir a um só princípio, lógica ou regime de acção. Elas serão não só reversíveis como essa reversibilidade ao menos em parte constituirá uma sua propriedade nuclear: as passagens ou basculações entre regimes serão na verdade não uma contingência fortuita e episódica mas uma constante estrutural. O desafio que se põe é, em consequência, operacionalizá-la, elevando-a (permita-se-nos a ironia final) ao estatuto de ferramenta sofisticada de aprofundamento do conhecimento sociológico sobre as formas sociais que revestem a condição adequada em Portugal.

Bibliografia

Boltanski, Luc, Laurent Thévenot (1991), *De La Justification. Les économies de la grandeur*, Paris, Gallimard.

Bromberger, Christian (2001 [1995]), *Le Match de football. Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*, Paris, Maison des sciences de l'homme.

Bromberger, Christian (1998), *Football, la bagatelle la plus sérieuse du monde*, Paris, Bayard.

Bromberger, Christian (2011), *Le douzième homme*. In Pascal Duret (dir.), *FaireÉquipe* (pp. 55-69), Paris, ArmandColin.

Duret, Pascal (2001), *Sociologie des ports*, Paris, ArmandColin.

Ehrenberg, Alain (1991), *Le culte de la performance*, Paris, Calmann-Lévy.

Gastaldo, Édison (2005), 'O complô da torcida': futebol e performance masculina em bares, *Horizontes Antropológicos*, Ano 11, 24, 107-123.

Giulianotti, Richard (2002), Supporters, followers, fans, and flaneurs. A taxonomy of spectator identities in football, *Journal of Sport & Social Issues*, Vol. 26, 1, 25-46.

Hollanda, Bernardo B. Buarque de (2010), *O Clube como Vontade e Representação. O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio De Janeiro*, Rio de Janeiro, 7Letras.

Lahire, Bernard (1998), *L'homme pluriel. Les resorts de l'action*, Paris, Nathan.

Marivoet, Salomé (2002), Violent disturbances in Portuguese football. In Eric Dunning et al. (orgs.), *Fighting Fans. Football Hooliganism as a World Phenomenon* (pp. 158-173), Dublin, University Dublin Press.

Marivoet, Salomé (2009), Subculturas de adeptos de futebol e hostilidades violentas – o caso português no contexto europeu, *Configurações* [online], 5/6, posto online no dia 15 de Fevereiro de 2012, consultado no dia 17 de Maio de 2012.

Nachi, Mohamed (2009 [2006]), *Introduction à la sociologie pragmatique*, Paris, Armand Colin.

Nunes, João Sedas (2007), *Culturas Adeptas do Futebol. O espaço plural da condição adequada: práticas e identidades* (policopiado), Dissertação de Doutoramento (346 pp.), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2007.

Nunes, João Sedas (2012), *A inteligência (pre)enche o campo: sobre o modo de produção do capital futebolístico*, *Antropolítica* (no prelo).

Seabra, Daniel J.A. (1999), “Mágico Porto vence por nós”. Um estudo antropológico de uma claque de futebol (policopiado), Braga.

Seabra, Daniel J.A. (2009), Claques Portuenses. Um Estudo organizado de adeptos de futebol em contexto urbano, Dissertação de Doutoramento(574 pp.), Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade e Lisboa.

Thévenot, Laurent (2006), L’action au pluriel. Sociologie des régimes d’engagement, Paris, La Découverte.